

Aproximações acerca da morte e da vida em um ambiente de contato (séculos XVI e XVII)**VICTOR LORDANI GEAMPAULO¹**

A sociedade colonial costuma despertar grande interesse em seu âmbito social. Devido a isto, acredita-se que qualquer oportunidade de se fazer uma inferência deve ser levada a cabo, sobretudo ao se tratar de um dos primeiros núcleos coloniais, a capitania de São Vicente. Os vestígios ósseos são capazes de nos revelar muito mais do que simples análises de formas de sepultamento, mas também os costumes das pessoas que eram ali enterradas e seu ideal de vida pela morte. No que concerne aos indígenas, além de simplesmente destacar símbolos religiosos, procura-se entender como se deu a aproximação de povos tão antagônicos e o que refletiu no cotidiano da indústria açucareira vicentina.

As relações que envolvem questões religiosas, por si só, já desempenhavam um papel de destaque no período. No contexto de uma indústria açucareira, essa importância tendia a ter uma maior significância, pois o *Engenho* estava inevitavelmente ligado ao escravismo e à religião. No que se refere à última, era um dos suportes básicos do princípio de dominação lusitana na colônia americana.

O *Engenho do Governador*, também chamado de *São Jorge, do Trato*, ou dos *Armadores*, e somente após estar em posse da família Schetz, finalmente denominado *São Jorge dos Erasmos*, único remanescente da produção açucareira santista, teve a sua construção iniciada em 1534, a mando do donatário da Capitania de São Vicente, Martim Afonso de Souza. Localiza-se no atual bairro da Caneleira, sopé do morro de mesmo nome. A escolha do local foi realizada cuidadosamente: estabelecido no centro da Ilha de São Vicente, tinha o intuito de estimular, principalmente, a dinamização econômica e a ampliação da cultura da cana pelos colonizadores.

Foi na vila de São Vicente, principal povoação da Capitania, que se iniciaram as atividades missionárias. Os jesuítas foram os principais veiculadores da imagem do *além-cristão*, principalmente relacionada à infantil; a criança morta era ligada a mártires, anjos, e até ao menino Jesus. A prática missionária esteve focada na criança indígena como meio de difusão e manutenção da fé cristã. Caso estas, quando crescidas, voltassem ao culto pagão dos

¹ Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo.

país apenas exaltava a virtude da infância e, conseqüentemente a *boa morte* quando ocorrida nesta idade. O apelo neste sentido era tão forte que era comum o envio de órfãos ao Brasil.

Em 2003, após quase meio século de propriedade sobre o complexo açucareiro vicentino e algumas intervenções arqueológicas e arquitetônicas, a Universidade de São Paulo firmou um convênio com a Universidade Católica de Santos e, coordenadas pelo arqueólogo José Luis Morais, realizaram uma pesquisa que resultou na redescoberta do cemitério.

Foram escavados 15m² de terreno onde se localizaram 33 ocorrências de ossos humanos de 19 indivíduos: 18 adultos e uma criança. Entre os achados estavam crânios, dentes, ossos longos e um esqueleto completo. Com eles foi possível localizar a capela, comprovada após a evidenciação de um nicho, local reservado para a acomodação de imagens de santos na parede lateral que circunda a área concebida como *altar*. Descobertas as ossadas, decidiu-se enterrá-las novamente devido à falta de infraestrutura para uma preservação adequada.

O fato de o local ter sido muito alterado em períodos anteriores se deve ao constante reaproveitamento para a deposição dos corpos, prática comum em *solos sagrados*. O estudo concluiu que a área do cemitério foi previamente selecionada para seu uso, comprovado pelos muros de arrimo que sustentam suas laterais. Tentou-se ao máximo evitar a exumação dos corpos, além de manter as ossadas em suas posições durante a escavação, salvo nos casos em que houve necessidade de rebaixamento das quadrículas.

Resultados da análise de DNA comprovaram a existência de 4 haplogrupos de indivíduos mestiços, provavelmente mamelucos enterrados no cemitério do engenho, o que levou a crer, em primeira instância, que não se tratavam de escravos, pelo menos nos mesmos moldes em que se enquadravam os indivíduos desta categoria (MORAIS, 2004-2005: 349-84). Contudo, a mão de obra presente na indústria açucareira poderia ser proveniente de sítios de contato ou remanescentes de aldeamentos, nos quais a miscigenação seria um processo natural.

Por meio dos estudos sobre a residência jesuítica santista, referencia-se a ação de uma cura espiritual constante promovida pelos inacianos. Apesar das miscigenações, consideramos o material humano como *escravidão civilizada e cristianizada* sob a supervisão jesuítica, afinal o contexto colonial leva a crer que a *pureza étnica* se tratava de um aspecto raro.

A corroboração da uniformidade de práticas assimilatórias no cemitério estudado se torna dificultosa pelo fato de alguns indivíduos evidenciados apresentarem apenas os ossos dos membros inferiores, articulados ou não, adicionado ao fato de as ossadas encontrarem-se extremamente friáveis. As hipóteses mais aceitas são as de que houve enterramentos sobre enterramentos seguida de uma provável deposição do solo, pois há pelo menos três conjuntos de membros inferiores articulados dispostos na direção do barranco. Esses enterramentos sobre enterramentos podem constituir os chamados *enterramentos secundários*, ou seja, o indivíduo teria sido retirado de um determinado lugar e enterrado novamente em outro, ou teria sido levemente deslocado no momento de um novo sepultamento.

Apenas um esqueleto, estendido e articulado, se apresentou mais completo, pois continha os ossos desde o crânio até os pés (indivíduo 7/11); há, porém, a expectativa que outros esqueletos sejam achados nestas condições em futuras escavações. Embora os enterramentos secundários fossem uma prática comum, tal fato pode ser explicado devido à enorme circulação do contingente servil utilizado na indústria, o que forçava o reaproveitamento do espaço destinado ao *descanso eterno* do defunto para outro que acabara de falecer.

Durante a escavação do cemitério foram encontrados vários indivíduos com dentes incisivos em forma de pá. Como é grande a frequência em que ocorrem (18 dos 19 descobertos), caracterizam populações de origem asiática, provavelmente ossos de índios; apenas uma das 19 pessoas identificadas foi morfologicamente concebido como um negróide. Com base nas análises da amostra do indivíduo 7/11, a datação radiocarbônica identificou o enterramento como tendo sido realizado entre os anos de 1510 a 1650 (MORAIS, 2004-2005: 349-84).

Foram identificados dois padrões de enterramento: a) primário, simples, com a face voltada para norte/nordeste; e b) secundário, múltiplo, sem arranjo aparente. Possivelmente não houve exclusão no enterramento ou qualquer tipo de sepultamento diferencial, como áreas preferenciais no cemitério para corpos de indivíduos de determinada faixa etária, ou separação entre homens e mulheres, salvo as ossadas de número 08, o único no qual se verificou arqueologicamente a suposta presença de uma cova. Apesar de muitos dos corpos estarem sobrepostos e deslocados de seu contexto original, pode-se perceber que a maioria obedeceu a

uma mistura de ritos fúnebres indígenas e cristãos. Nos vestígios em que se pode inferir alguma observação, mesmo os ossos esparsos, visualizou-se o posicionamento do corpo virado ao norte (indivíduos 4, 6/18, 15 e 22), característica de ritual predominantemente indígena. Não obstante algumas ossadas terem sua posição virada para noroeste ou nordeste (indivíduos 1, 2, 8, 7/11 e 17/19), concluímos que estavam voltados ao norte no momento do sepultamento; os enterramentos secundários e as constantes perturbações provavelmente alteraram sua posição original. Esse posicionamento dos corpos é de suma importância para a compreensão do processo envolvido na relação ritualística fúnebre desenvolvida no Engenho dos Erasmos.

Os católicos, orientados por um costume medieval, inseriam os cadáveres na sepultura seguindo uma lógica racional: o moribundo deveria ficar deitado em decúbito dorsal com a face voltada para o céu; os braços estariam cruzados sobre o peitoral em gesto de contemplação; os pés deveriam estar orientados para o leste, em direção a Jerusalém (ARIÈS, 1989: 16). Essa configuração também foi observada nos despojos presentes no cemitério estudado.

Verifica-se que dois esqueletos mais preservados (indivíduos 7/11 e 17/19) estão com os pés voltados a leste, os braços cruzados sobre a sua parte peitoral com o corpo completamente esticado. Em contrapartida, seus crânios estavam com a face voltada ao norte, aspecto ritual indígena. Mais uma evidência de cristianização foi a descoberta de uma pequena medalha de metal (pingente) que representava uma pomba de asas abertas, símbolo do Divino Espírito Santo, encontrada junto ao úmero fragmentado do conjunto de ossos esparsos 26.

A partir do momento em que há a evidenciação de rituais em *solo católico* que levam em conta outra perspectiva ritualística, acreditamos que os contatos poderiam se estabelecer de forma horizontal. O hibridismo pode ter sido mantido, em muito, devido a ausência de um capelão fixo no engenho. Outra hipótese é a de que os padres eram presentes e atuantes no momento das cerimônias funerárias, sendo também atores na produção da *terceira via cultural* (AGNOLIN, 2007: 249-57).

A causa da morte do indivíduo 15, uma criança, pode estar vinculada às doenças trazidas pelos europeus e desestruturação da tribo; provavelmente possuía entre 7 e 9 anos

quando veio a falecer. Segundo a crença Tupi, o contato com os missionários provocava uma espécie de *maldição* que acarretava a morte dos indígenas, sendo a eles atribuídos inúmeros males que afetavam as tribos. No tocante ao conceito ocidental de morte das crianças, era classificada como uma *boa morte*, pois impedia o sofrimento pelos tormentos da vida e a prática de pecados própria de adultos. Os jesuítas tudo faziam para ornamentar a morte infantil. Concebiam a partida da criança como uma elevação de um *anjo ao céu*. Tal ideário pode ter amenizado o impacto deste falecimento no grupo. Os limites de idade estabelecidos a fim de se instituir práticas fúnebres diferenciadas poderiam oscilar no círculo social. Embora o estudo do referido corpo não apresente a idade específica do indivíduo no momento do falecimento, não o impede de ser enquadrado sob este viés (VAILATI, 2010).

No contato com os missionários, as urnas funerárias, tão comuns nos rituais fúnebres dos Tupis, foram completamente abandonadas, pois eram ligadas aos rituais pagãos. Está aí a explicação pela não ocorrência destas no cemitério analisado.

No quadrante sudeste foi evidenciada uma enorme concentração de ossos de indivíduos diferentes em posição caótica, padrão análogo ao encontrado nas outras áreas. Nele estava inserido o negróide (indivíduo 30), o que leva a supor uma manifestação da tentativa de se uniformizar os indivíduos a uma cultura. Suas características morfológicas apontam que provavelmente tenha pertencido a um indivíduo do sexo feminino. A mancha escura na parte superior direita do crânio sugere a interpretação de que tenha recebido um golpe na região, o que possivelmente tenha levado ao óbito.

Embora haja indicações que os trabalhadores especializados eram preferencialmente negros, a hipótese de uma violência contra o cativo, adicionada à configuração das ossadas, levanta uma possível diferenciação de tratamento com os escravos africanos, com os quais o vínculo poderia ser menor e não havia a necessidade de uma relação *amistosa*, tal qual com os indígenas. Outra amostra de distinção foi a evidenciação de miçangas africanas próximas aos restos mortais, elemento comprovador da dinâmica híbrida estabelecida nesses contatos.

Ao analisar a planta baixa da capela do Engenho São Jorge dos Erasmos, destaca-se a probabilidade da ermida ter sido erguida sobre o cemitério já existente, fator que reforça a ideia de que os corpos tinham uma importância fundamental na apropriação do espaço pelos vivos. Esse aspecto vem a enaltecer a complexidade e singularidade do *espaço santo*

estudado; os territórios foram ocupados a partir do estabelecimento de laços indissolúveis entre os vivos, mortos e santos. No engenho dos Schetz, a centralidade dos corpos é ainda mais enaltecida pelo fato de que a comunidade agrupada a partir dos despojos funerários era anterior à estruturação da *comunidade religiosa*.

No período estudado, as manifestações rituais funerárias estavam presentes na região vicentina; inquietação constante, a morte desempenhou uma função de suma importância para a reunião social: os vivos unidos pela devoção aos mortos. Conseqüentemente, não é de se estranhar que os trabalhadores do Engenho dos Erasmos assimilassem esse culto e o aplicassem dentro de parâmetros conhecidos – vinculados pela proximidade entre a indústria açucareira e o centro da vila, as trocas eram operadas naturalmente.

Os poucos remanescentes documentais permitem uma acurada investigação que, embora limitada para o empreendimento de uma análise quantitativa, revelam aspectos compartilhados pelo estrato social privilegiado que inspirava as camadas inferiores em seu ideal de *bem morrer*.

Embora o culto a São Jorge em São Vicente não estivesse vinculado a nenhuma confraria, os indivíduos presentes no Engenho dos Erasmos provavelmente exploraram a entidade divina com apropriação e reformulação. Esse aspecto é de suma importância na análise do cemitério do Engenho dos Erasmos, pois demonstra que a capela não era um local para um enterro de indivíduos socialmente privilegiados, mas a concretização de uma ação expressa e fiscalizada pelo clero. Para os proprietários, essa relação mantinha a servidão em um patamar de interpretação complexa por parte do cativo; acreditando estar em posição social similar ao *seu superior*, o indígena visualizava uma integração harmoniosa.

Pequenos gestos configuraram uma transformação de magna amplitude cultural nos dois âmbitos em questão. A *negociação na fé* estruturou-se em bases comuns de convivência e trocas. Por meio de vestígios produzidos intencionalmente, porém não entendidos como registros por seus atores, o contexto histórico do Engenho São Jorge dos Erasmos vai emergindo e revelando aspectos que anteriormente não se poderia vislumbrar. Sua efemeridade exigiu esforços urgentes na apreensão dos dados, o que não significa que muito já não tenha sido perdido, como ainda há de se perder. A partir do cruzamento com as fontes

documentais e relatos da época, a imaginação do historiador permite preencher as lacunas a fim de compreender parte das relações estabelecidas nesse ambiente conturbado.

Nesse âmbito destaca-se a alteridade indígena, a qual foi sendo construída ao mesmo tempo em que a identidade europeia era revisada, afinal, a descoberta da América colocou em questão os tratados produzidos pelos gregos e santos. Desta forma, a diversidade do Novo Mundo causava um processo de releitura do Ocidente; o código religioso (*fê*) passou a representar o parâmetro que *media a distância* entre os povos.

A análise deve enfatizar as múltiplas transmutações culturais. A contextualização desses contatos é, portanto, imperativo nesse estudo, com enfoque na sua lógica e o modo como produziam e alteravam a diferença de forma a garantir sentido às traduções. Os processos geradores desse sentido dependiam da forma como os atores resolviam seus problemas em suas interações; os indígenas incorporavam as relações em meio a estruturas que lhes eram familiares. A partir desta premissa é possível afirmar que os indivíduos enterrados no Engenho dos Erasmos criaram seu próprio sistema de compreensão do mundo por meio da mistura de ritualidades; mais do que absorver, a tônica foi resignificar.

O contexto funerário representava o terreno propício às trocas culturais: interpretado como sinal da Providência Divina, sua função era ligada à concretude da missão civilizadora em território americano. Extirpar as práticas abomináveis e, ao mesmo tempo, conferir um caráter propriamente humano e cristão de *crença* se realizavam no sepultamento cristão. Contudo, os indígenas resignificavam os rituais e punham em evidência o arranjo multifacetado. Essas assimilações não eram arbitrárias nem permanentes, mas vivências cotidianas.

Deste modo, as pesquisas atuais tendem a interpretar esse palco de ações como produto das relações tecidas historicamente entre os diferentes povos, nas quais estão circunscritas as alterações determinantes para o rumo das civilizações. Sendo assim, é errôneo tratar de *religião dos indígenas*, afinal a prática missionária transformou o curso da cultura selvagem com a implementação de novos códigos e relações igualitárias – o pensamento original se perdeu para sempre. As técnicas e rituais de convivência social e compatibilidades simbólicas foram produzidas no encontro cultural, tornando-se *civis* - os missionários não dissociavam essa esfera da conversão religiosa. Nesse ambiente, as regras e valores foram

elaborados e reformulados, o que contribuiu para a construção de uma sociedade inédita, porém funcional ao autorreconhecimento ocidental.

Concluimos com a hipótese de que se realizou um entendimento bem claro e significativo entre os atores que legaram os vestígios fúnebres; a comunidade do Engenho dos Erasmos tinha plena consciência dos rituais e acordos encetados: a posição dos corpos e as evidências materiais destacam uma dinâmica própria. A partir da abrangência do enfoque, a aparente apropriação pura e simples de ritualidades católicas foi sendo questionada: um espaço conflituoso por si só, no qual uma disputa cultural era travada sem que um lado se sobressaísse – um debate que produzia arranjos, adaptações, mudanças de paradigmas, delineamento de rumos sem volta, em que ambas as partes afetavam e eram afetadas. Em meio a esse ambiente de afirmações, os jesuítas necessitavam *povoar os céus*. Ao mesmo tempo, a natureza dos nativos os impelia a captar as novidades e transformá-las a sua própria racionalidade; para isso ocorrer, era necessário que se fizesse inteligível e atraente, com uma leitura própria.

Diversas interpretações incluíram essas atitudes compartilhadas como parte do projeto de uma resignificação da escravidão, no qual os cativos visualizavam sua inserção e aceitação no sistema – neste aspecto, a provável violência contra o negro confirmaria a distinção social entre os africanos, pois já haviam chegado na condição de escravos - e os índios - livres, porém reduzidos. Sob esse paradigma europeu, a mestiçagem indicaria uma conformação ainda mais ampla à estrutura almejada de ajustamento nativo e cativo à *civilidade* e abandono das práticas *pagãs*.

Em meio a uma estruturação híbrida que, devido a uma alta mortandade, causava uma deterioração dos grupos familiares, os laços sociais deveriam ser reafirmados em um contexto que permitisse a visualização de um futuro promissor; o cristianismo e seu ideal de *pós morte* abriu uma possibilidade de ação. Tendo a anuência dos párocos, essas manifestações eram construídas e transformadas, configurando um sistema que não era europeu e muito menos nativo, mas uma confluência dos dois mundos culturais. O resultado inevitável conferiu ao local uma especificidade ímpar nos arranjos sociais coloniais, promovendo uma reflexão sobre as estruturas de dominação e a reação frente ao *processo de trocas*.

Referências:

ACOSTA, José de. **De procuranda indorum salute**. 1588. Madrid: C.S.I.C., 1984-1987.

AGNOLIN, Adone. *O apetite da Antropologia, O sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso tupinambá*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

_____. Jesuítas e tupi: o encontro sacramental e ritual dos séculos XVI-XVII. *Revista de História*. São Paulo, Terceira série, Nº 154, p.71-118, 1º semestre de 2006.

_____. *Jesuítas e Selvagens: a negociação da Fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séc. XVI – XVII)*. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

ANCHIETA, Joshep de. *Cartas, informações, fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joshep de Anchieta, S. J. (1554 – 1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1933.

ANDREATTA, Margarida Davina. *Projeto de pesquisa interdisciplinar: Engenho São Jorge dos Erasmos, Santos – SP. 1996/97*. 131f. Projeto. Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Engenho São Jorge dos Erasmos: prospecção arqueológica, histórica e industrial. *Revista USP*, São Paulo, 1999, n.41, p.28-47, março/maio 1999.

ANJOS, Fernanda Maria Felipe dos. *Engenho São Jorge dos Erasmos: uma abordagem interdisciplinar do documento na Arqueologia Histórica*. 1998. 197f. Tese (Mestrado em Arqueologia) Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARIÈS, Philippe. *O Homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (eds). **A morte na Idade Média**. Trad. Heitor Megale, Yara Frateschi, Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. (Ensaio de Cultura; 8).

CORDEIRO, José Pedro de Leite. *O Engenho São Jorge dos Erasmos*. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico, 1945.

CORDEIRO, Silvio Luiz. *A paisagem histórica do Engenho São Jorge dos Erasmos: o vídeo como instrumento educativo na Arqueologia do monumento quinhentista*. 2007. 129 f. Tese (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras: os mortos e a ocupação do território luso brasileiro – séculos XVI e XVII**. São Paulo: Alameda, 2011.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. vol 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Engenho dos Erasmos. **REVISTA USP**. São Paulo: Universidade de São Paulo, CCS, n.41, mar./maio 1999.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **Terra, Trabalho e Poder: o mundo dos Engenhos no Nordeste colonial**. Bauru: EDUSC, 2003.

FERNANDES, Florestan. **A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios**. Apres. Edgard de Assis Carvalho. 2 ed. rev. São Paulo: Global, 2009.

FEVBRE, Lucien. *O Problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário:** sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KOK, Gloria. *Os vivos e os mortos na América portuguesa: da antropofagia à água do batismo.* Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

LAGA, Carl. O Engenho São Jorge dos Erasmos em São Vicente: resultado de pesquisas em arquivos belgas. *Revista Estudos Históricos*, São Paulo, junho 1963, n. 1, p.13-43, 1963.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil:** Tomo I (Século XVI – O estabelecimento). Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

MACHADO, Alcântara. **Vida e morte do bandeirante.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. v.13. (Paulística).

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é morte.* 3ª reimpr. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

MONTERO, Paula (org.) **Deus na aldeia:** missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

MORAIS, José Luiz de. Engenho São Jorge dos Erasmos: Estudos de Arqueologia da Paisagem. Projeto submetido à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo para eventual concessão de auxílio à pesquisa. Universidade de São Paulo. Pró-reitoria de cultura e extensão universitária. Museu de Arqueologia e Etnologia. Maio de 1999.

_____. *Arqueologia dos Erasmos:* O Engenho São Jorge dos Erasmos na perspectiva arqueológica e ambiental da Baixada Santista. 2001. 42f. Relatório. Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Arqueologia dos Erasmos: relatório de atividades / 2002. 2003. 123f. Relatório.* Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *O Engenho São Jorge dos Erasmos na Perspectiva Arqueológica e Ambiental da Baixada Santista.* 2003. 166f. Relatório Final Submetido à apreciação da FAPESP Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Proc. 00/03451-3. Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____; PIEDADE, Silvia Cristina; MAXIMINO, Eliete Pythagoras Brito. Arqueologia da Terra Brasilis: O Engenho São Jorge dos Erasmos, na Capitania de São Vicente. *Revista de Arqueologia Americana.* México, n.23, p. 349-84, 2004-2005.

NÓBREGA, Manuel da, S.J. *Cartas do Brasil e mais escritos (opera omnia – 1556-1557).* Introd. E notas de Antonio Serafim Leite. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.

REIS, João José. *A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das práticas mortuárias:** uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX).* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627.* revisão Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke. 7 ed. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.

SANTOS, Georgina Silva dos. **Ofício e sangue: a Irmandade de São Jorge e a Inquisição na Lisboa Moderna**. Lisboa: Colibri, 2005.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

STOLS, Eddy. Um dos primeiros documentos sobre o Engenho dos Schetz em São Vicente. *Revista De História*. São Paulo, ano XIX, vol.37, n.º76, p.407-19, 1968.

VAILATI, Luiz Lima. **A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos** (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010. (Série Teses).

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia / feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro da Vide**. 1853. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

VITORIA, Francisco de. **De indis recentis inventis et de irue belli Hispaniorum in bárbaros**. Salamanticae: s.ed., 1557 (trad. esp.: *Relectio de indis*. Madrid: C.S.I.C., 1989).